

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, realizada sob a orientação científica da Professora Catedrática Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Aos meus pais, pela educação que sempre me deram.

Agradecimentos

A Deus que sempre me guiou e orientou nos caminhos mais difíceis da vida, por mais dura e complexas que fossem as dificuldades, consegui vencê-los e superá-los, encontrando guarida na sua palavra e no seu poder infinito;

Ao Governo Angolano, pela atribuição da Bolsa de estudo e por ter acreditado em mim para integrar o projecto;

Ao Governo Provincial da Huíla e às respectivas Direcções Provinciais: Delegação Provincial de Educação, Delegação Provincial da Cultura e Administração Municipal do Lubango, pela abertura na recolha da informação;

À Professora Catedrática Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, pela orientação, pelo apoio total, pela paciência e disponibilidade em orientar este trabalho;

À Professora Maria Rute Vilhena Costa, pela disponibilidade em esclarecer as dúvidas que foram surgindo ao longo da formação, pelos conselhos e pela paciência em acompanhar o grupo;

À professora Raquel Alves Silva, pela transmissão de conhecimentos e pela disponibilidade;

À Dra. Ana Paula Serafim Henriques, pelo apoio a todos os níveis e pelo encorajamento;

Aos meus colegas de Mestrado, pela convivência e companheirismo.

À técnica da Administração Municipal do Lubango, senhora Velácia Candeeiro, pelo apoio e disponibilidade na recolha de dados;

À senhora Administradora Comunal do Hoque, Luísa Caputo, pelo profissionalismo e disponibilidade na recolha de dados;

**ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DA TOPONÍMIA
DA PROVÍNCIA DA HUÍLA: O CASO DA COMUNA DO HOQUE
PROPOSTA DE HARMONIZAÇÃO GRÁFICA**

Mateus Mukuambi Halaiwa

RESUMO

O nosso trabalho apresenta uma análise dos topónimos da Comuna do Hoque. A análise incidiu sobre os bairros que estão ao redor da Comuna e depois a diversas aldeias. O nosso principal objectivo foi, de facto, o de identificar e classificar os topónimos e explicar os factos que estiveram na origem da sua denominação. Analisamos 37 topónimos e tentamos, sempre que possível, enquadrar cada topónimo no modelo taxonómico proposto por Dick (1990). Entretanto, nem todos os topónimos se enquadram neste modelo taxonómico. Procuramos também identificar os topónimos aportuguesados, de acordo com a história de cada um. Os topónimos em análise são apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas, seguindo sempre o modelo de Dick, pesquisadora que sustenta o nosso estudo. Observando a história de cada um dos topónimos, verificamos que os mesmos reflectem o “*modus vivendi*” do povo da Comuna do Hoque, Município do Lubango, província da Huíla, região do Sul de Angola. O estudo da Toponímia em Angola ainda não está muito difundido, embora já existam trabalhos e iniciativas para desenvolver esta área. Com ajuda da história de cada topónimo foi possível saber se o mesmo foi aportuguesado ou não e em função disso propomos uma grafia correcta, pois. Os nomes de lugar carregam uma história e revelam a cultura de um povo. A nível da classificação, procuramos enquadrar os topónimos em análise na taxonomia proposta por Dick.

Palavras-Chave: Toponímia, Taxonomia, história dos nomes, onomástica, Lexicologia, Línguas *Bantu*.

**SOCIOLOGICAL ASPECTS OF THE TOPONYMY OF THE HUÍLA
PROVINCE: THE CASE OF THE HOQUE COMMUNE
PROPOSAL FOR A SPELLING HARMONIZATION**

Mateus Mukuambi Halaiwa

ABSTRACT

Our work presents an analysis of the toponyms of the Hoque Commune. Our analysis focused on the neighbourhoods that surround the Commune and was subsequently extended to several villages. In fact, our main aim was to identify and classify toponyms and explain the facts that originated those names. We have analysed 37 toponyms and tried, whenever possible, to categorize each toponym according to the framework presented by Dick (1990). However, not every toponym could be included in this taxonomic model. We have also tried to identify those toponyms whose form has suffered an influence from the Portuguese language, taking into consideration their individual history. The toponyms we analysed are presented in lexicographical and toponymical records, always according to the framework provided by Dick, on whose research we based our study. Looking at the individual history of each toponym, we can conclude that they reflect the way people live in the Hoque Commune, a Municipality of Lubango, Huíla Province, a region in Southern Angola. The study of Toponymy in Angola is not widespread, but there have been some studies and initiatives aimed at developing this area of studies. With the help of the individual history of each toponym, we were able to understand whether a given toponym had suffered any influence from the Portuguese language or not and on that basis suggest a Bantu spelling. Place names bear an extremely rich history and are closely tied to the culture of a people. We have tried to organize the toponyms we analysed according to Dick's taxonomy.

Keywords: Toponymy, Taxonomy, name history, onomastic, Lexicology, *Bantu* languages.

Índice

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
ÍNDICE	VI
DECLARAÇÃO	VIII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA TOPONÍMIA	3
1.1. BREVE HISTÓRIA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS	4
1.2. A NOMEAÇÃO COMO ACTIVIDADE HUMANA	6
1.3. A ONOMÁSTICA E A TOPONÍMIA: DEFINIÇÕES	7
1.4. A TOPONÍMIA COMO CAMPO INTERDISCIPLINAR	8
1.5. TAXONOMIA TOPONÍMICA	10
1.6. TAXONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA	11
1.7. TAXONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL	12
1.8. OS ESTUDOS TOPONÍMICOS EM ANGOLA	13
1.9. A IMPORTÂNCIA DA LEXICOLOGIA NO ESTUDO DA TOPONÍMIA	14
CAPÍTULO II: ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS	17
2.1. SOCIOLINGUÍSTICA	18
2.2. ESTATUTO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA	18
2.3. AS LÍNGUAS DE ORIGEM BANTU E NÃO BANTU	21
2.4. A LÍNGUA OLUNYANEKA	23
2.5. O ALFABETO DA LÍNGUA OLUNYANEKA	24
CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS TOPÓNIMOS DA COMUNA DO HOQUE	26
3.1. METODOLOGIA	27
3.2. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE	27
3.3. A QUESTÃO ORTOGRÁFICA DOS TOPÓNIMOS	28
3.4. A COMUNA DO HOQUE	30
3.5. AS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS	31
CONCLUSÃO	58
BIBLIOGRAFIA	59
LISTA DE FIGURAS	61
LISTA DE TABELAS	61
LISTA DE GRÁFICO	63

DECLARAÇÃO

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de..... de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora

Lisboa,.... de de

INTRODUÇÃO

O estudo da Toponímia da Comuna do Hoque insere-se no Projecto do Vocabulário Ortográfico Nacional do Governo Angolano e por questões de delimitação, este estudo só trata da Toponímia da Comuna do Hoque, município do Lubango, e suas respectivas aldeias e bairros. É mais uma contribuição a par dos outros estudos que têm sido desenvolvidos por algumas instituições de Ensino Superior do Estado e por iniciativas de alguns investigadores.

O nosso trabalho intitula-se “**ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS E CULTURAIS DA TOPONÍMIA DA PROVÍNCIA DA HUÍLA: O CASO DA COMUNA DO HOQUE**”.

O nosso objectivo é realizar o levantamento dos topónimos dos bairros e aldeias da Comuna do Hoque, estudar a origem etimológica de cada topónimo, investigar aspectos históricos, socioculturais e linguísticos e depois analisar questões do aportuguesamento de alguns topónimos. De acordo com Misturini (2014:15),

“o estudo toponímico é muito importante e traz grandes contribuições para a sociedade, seja do ponto de vista linguístico, histórico ou cultural e graças ao seu carácter interdisciplinar é possível que uma única investigação revele aspectos referentes às diversas áreas do conhecimento e beneficie a todos, desde os investigadores até à população em geral”.

Ainda no seguimento deste quadro, Isquierdo (2008:34) afirma que

“os topónimos confirmam a tese de que a história das palavras caminha muito próxima à história de vida do grupo que dela faz uso [...]. Os nomes de acidentes humanos (vilas, povoados, cidades) traduzem reflexos do momento em que foram nomeados”.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, falamos dos pressupostos teóricos da Toponímia, fizemos uma pequena incursão histórica e apresentamos uma pequena discussão sobre a Onomástica, a Toponímia como um campo interdisciplinar, tratamos das taxonomias de natureza física e as de natureza antropocultural, assim como da importância da Lexicologia no estudo da Toponímia.

No segundo capítulo, tratamos dos aspectos sociolinguísticos, do estatuto que a Língua Portuguesa tem em relação às outras línguas de origem *bantu*. Foi necessário abordar a questão

do alfabeto da língua *Olunyaneka* que nos irá ajudar na escrita dos topónimos para os topónimos em língua *Olunyaneka*.

No terceiro capítulo, fizemos análise dos dados a partir da constituição do *corpus*; abordámos a questão ortográfica dos topónimos, elaborámos as fichas lexicográfico-toponímicas e terminamos com uma proposta de futuras investigações, sobretudo para os topónimos que não se enquadram nos modelos de Dick.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA TOPONÍMIA

1.1. *Breve História dos Estudos Toponímicos*

Os estudos dos nomes próprios de lugares trazem consigo aspectos linguísticos e um valor cultural de cada povo. Baptista (2011:16) salienta que

“os estudos dos nomes próprios de lugares mostram que esses designativos além de constituírem o léxico comum de uma língua, também são responsáveis pela preservação de valores culturais e ideológicos pertencentes a uma determinada comunidade geográfica”.

No entanto, esta área tem sido objecto de reflexão e estudos ao longo dos séculos e foi exactamente na Europa, mais precisamente em França e em 1878 que a Toponímia surge pela primeira vez como uma disciplina sistematizada. Auguste Longnon foi responsável pela introdução dos estudos regulares na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França. Depois da morte de Auguste Longnon, foi publicada, em 1912, postumamente, a obra intitulada *Les noms de lieu de la França* considerada clássica para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados (cf. Dick 1987:93). A publicação desta obra esteve a cargo dos alunos de Auguste Longnon.

Em 1922, Albert Dauzat retomou os estudos onomásticos interrompidos com a morte de Longnon e publica a *Chronique de Toponymie* com uma bibliografia crítica região por região e só em 1938, Dauzat conseguiu organizar o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia com a participação de 21 países e acordaram que se realizasse em todos os países como se pode constatar a seguir:

- A realização periódica de Congressos Internacionais de Toponímia e Antroponímia;
- Organização de uma Sociedade Internacional de Toponímia e Antroponímia;
- A criação de Departamentos Oficiais para a elaboração de Glossários de nomenclatura geográfica.

A partir daí muitos estudos têm sido desenvolvidos um pouco por toda a parte do mundo e podemos destacar as investigações realizadas nos Estados Unidos e no Canadá que culminaram com a publicação da revista *Names*, publicação oficial da *American Names Society* (cf. Dick, 1987:94). No Brasil, os estudos da professora e pesquisadora

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo, são apontados como referência pelo rigor e pelo contributo inovador que trazem nesta área do saber.

Para além dos projectos empreendidos pela professora e pesquisadora, destacamos as seguintes obras: *A Motivação Toponímica. Princípios Teóricos e modelos Taxonómicos*, 1980, *Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, 1990, *Toponímia e a Antroponímia no Brasil*, 1990. Nestas obras a autora propõe uma organização dos nomes, complementando e aprofundando os estudos de Dauzat.

Estas obras serviram de base para os vários projectos que foram executados sob coordenação de Dick, como por exemplo: **ATB** (Atlas Toponímico do Brasil), projecto **ATESP** (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), **USP**, projecto **ATEMIG** (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), **UFMG**, projecto **ATEM** (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul). E muitos outros projectos.

Esta área ainda é pouco estudada em Angola; daí a necessidade de se fazer uma abordagem histórica sobre o assunto para poder pôr a par toda a sociedade, já que é para esta que este trabalho se destina. É de salientar que o Estado angolano está a empreender esforços para desenvolver esta área, razão pela qual foi integrada no programa da Comissão Multisectorial que desenvolve o Vocabulário Ortográfico Nacional e a Terminologia da Administração Pública.

Esta parte de carácter histórico é importante para se conhecer o percurso da Toponímia enquanto disciplina sistematizada.

1.2. A Nomeação como Actividade Humana

A actividade de dar nomes às coisas sempre esteve ligada ao homem desde os tempos antigos. No entanto, o homem sempre nomeou os lugares por onde passou para identificá-los e para facilitar, de certo modo, o seu dia-a-dia no que diz respeito ao seu deslocamento. De acordo com Maeda (2008, *Apud* Biderman, 1998:11),

[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objectos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintos que individualizam esses seres e objectos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca.

Deste modo, a actividade de nomear é muito antiga e só diz respeito ao ser humano de tal modo que o mesmo ao exercer esta tarefa regista as características culturais, sociais e linguísticas do povo que habita num determinado lugar. Entretanto, a actividade de atribuir nomes aos lugares permite ao ser humano, na ocupação de novos espaços geográficos e na demarcação do seu território, diferenciar e orientar-se da melhor forma, Baptista (2011:12).

Com efeito, o interesse e a curiosidade que o homem tem de entender o que significa um determinado nome não é novo. A questão de dar nome a lugares existe desde a criação do universo. Há outros factores envolvidos neste processo e podemos, a título de exemplo, podemos citar os que influenciaram a nomeação na região em análise.

Verificou-se, em muitas situações, que a quantidade de alguma coisa ou abundância de algo pesava, ou seja, tinha muita influência na atribuição do nome a uma determinada região ou localidade. É o caso, por exemplo, de *Vihamba* que é o nome de um tipo de árvores que existem na localidade de *Vihamba*. O nome surgiu pelo facto de existir muitas árvores nesta região (*ovihamba* em língua *Olunyaneka*). *Ovihamba* significa grande quantidade de árvores com o mesmo nome, *Ovihamba*. Outro exemplo que podemos dar é de *Qmaluviluvi* que significa muitas borboletas. Foi durante muito tempo uma região onde se encontrava muitas borboletas e os habitantes denominaram a região de *Omaluviluvi*. O mesmo se pode dizer de *Vivandje*, região com muitas árvores, *Ovivandje*.

Verificou-se, nos exemplos apresentados, que a grande quantidade de uma determinada espécie de árvores, borboletas deu o nome às localidades. Outro ponto a destacar é o facto das pessoas que se notabilizaram numa época, contribuindo, de certo modo, para o engrandecimento da região, em particular, e do país, em geral. Contudo, Dick (1990: 5) salienta que

“o acto de nomear os lugares sempre foi uma actividade exercida pelo homem. As obras mais antigas da história e da civilização mundiais demonstraram que essa era uma prática de costume”.

No ponto a seguir iremos falar da Onomástica e da sua relação com a Toponímia.

1.3. A Onomástica e a Toponímia: definições

A Onomástica é uma palavra que deriva do grego *onomastiké* – que é a arte de denominar (HOUAIS, 2011:2066). Já em Latim, *Onomasticon*, onde *ónoma* significa nome, conservando, assim, o mesmo significado que tem em grego (Pegoraro, 2013:18).

Neste sentido, a Onomástica é parte integrante da Lexicologia e possui duas áreas fundamentais de estudo: a Antroponímia e a Toponímia. A Antroponímia tem como seu objecto de estudo os nomes próprios de pessoas, apelidos de família e tem muita importância para a história política, cultural de um país e das respectivas instituições.

Por outro lado, a Toponímia estuda os nomes próprios de lugares, a sua origem, evolução e procura perceber os fenómenos e até mesmo o desaparecimento no caso daqueles nomes que deixam de existir.

De acordo com Ruben Menezes (2009: 20),

“a Onomástica possui fortes ligações com a História e a Geografia. Apresenta-se como um campo rico para a investigação, uma vez que o levantamento e a análise dos antropónimos e dos topónimos constituem um resgate sócio histórico, podendo reflectir factos e ocorrências de diferentes momentos da vida cultural de uma sociedade”.

De um modo particular, a Toponímia oferece instrumentos valiosos à História, à Geografia; mas a Toponímia serve-se também destas disciplinas na sua pesquisa.

É de salientar que esta pesquisa toponímica tem por base os pressupostos teóricos propostos por Dick (1990; 1992;1996).

Estes pressupostos constituem o modelo de todo o trabalho ou pesquisa feita na área da Toponímia, sobretudo em Língua Portuguesa. Não se pode esquecer o factor língua, já que de acordo com Muaca (2001: 14),

“o primeiro elemento cultural de qualquer grupo humano é a língua que de tal modo encarna o ser humano que, quase sempre, é um sinal indelével da identificação da pessoa”.

No entanto, a Toponímia de uma determinada cidade, aldeia, povoação, área mostra os aspectos culturais e o dia-a-dia e até mesmo o passado de um povo. E os topónimos funcionam como verdadeiros veículos da cultura e a forma de viver de uma determinada sociedade. Neste sentido, a Toponímia enquanto ciência investiga os topónimos- nomes de lugares e evidencia, deste modo, a relação homem-ambiente- língua-cultura.

Para Sapir, a língua de um povo é influenciada pelo ambiente e pelos factores físicos e sociais e sustenta que os factores físicos são os referentes aos aspectos geográficos, como a topografia de uma região, o clima, as chuvas, assim como o que se pode chamar de base económica da vida humana, incluindo a fauna, a flora e os recursos minerais.

Os factores sociais são as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo (Renato Ferreira, *apud*, Sapir, 1969:14). Contudo,

“a arte de dar nomes às coisas é arte rara, de difícil execução, pois exige que se olhe para o nome que cada coisa tem por natureza e se saiba exprimir, com letras e sílabas, sua ideia fundamental”
(Maeda, 2006: 20, *apud*, Martins, 2002).

1.4. A Toponímia como Campo Interdisciplinar

A Toponímia enquanto disciplina linguística precisa das contribuições das outras áreas para realizar o seu estudo. Serve-se da Lexicologia, da Semântica, da História, da Geografia, da Antropologia e de outras ciências para realizar os seus estudos.

Sobre o carácter pluridisciplinar da Toponímia, Sousa (2013) salienta que esta permite-nos conhecer o seguinte:

- a) a história dos grupos humanos que viveram ou vivem numa determinada região;
- b) as características físico-geográficas da região;
- c) as particularidades socioculturais do povo;
- d) extractos linguísticos de origem diversa da qual é utilizada contemporaneamente ou mesmo línguas que desapareceram;
- e) as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente.

Entretanto, apesar de o trabalho estar mais virado para a área da Linguística, a Toponímia é indissociável dos outros campos do conhecimento. A Toponímia irá buscar sempre suporte nas outras ciências para levar a cabo as suas investigações. Andrade sustenta

“que não se pode pensar a Toponímia desvinculada de outras ciências como a História, Geografia, Antropologia, Cartografia, Psicologia e a própria Linguística. Os estudos toponímicos são de facto amplos e estão inseridos nos contextos tanto linguísticos como socioculturais” (Nunes, 2013, *apud*, Andrade 2010:105).

A interdisciplinaridade da Toponímia oferece aos pesquisadores mais elementos para as suas pesquisas. A este respeito, (Sousa, *apud*, PCN, 2000:21) esclarece,

“quando se referia à interdisciplinaridade escolar, que a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenómeno dos diferentes pontos de vista. Trata-se, no entanto, de recorrer a um saber directamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos”.

Neste sentido, há uma certa complementaridade entre os vários campos, ou seja, uma área pressupõe outra. A seguir apresentamos o esquema das ciências, onde a Toponímia se apoia para realizar o seu trabalho ou estudo.

Ainda sobre este aspecto, Dargel e Isquierdo (Baptista, 2011, apud, Dargel/ Isquierdo, 2005, s/p) sustentam que a Toponímia não se limita apenas ao estudo linguístico, conforme se pensava antes, a Toponímia, hoje em dia, é uma disciplina aberta, dinâmica e interdisciplinar.

No seguimento deste quadro, Dick (1992) salienta que a Toponímia é uma disciplina que trabalha com a História, Geografia, Linguística, Antropologia, Psicologia Social, a Arqueologia, a Botânica, a Lexicologia e até mesmo à Zoologia, segundo a formação do intelectual pesquisador.

Vamos apresentar a seguir a figura com algumas Ciências auxiliares de que a Toponímia se serve para realizar a sua pesquisa:

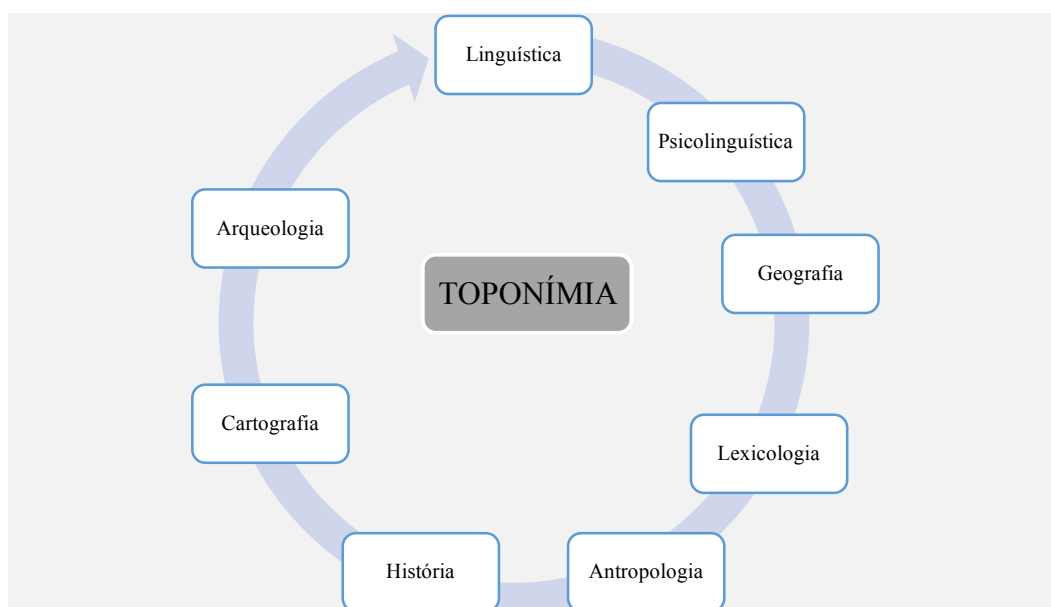


Figura nº 1: Algumas Ciências Auxiliares da Toponímia

1.5. Taxonomia Toponímica

Adoptamos o modelo de análise proposto por Dick (1990- 1992). Neste modelo, a autora deu um contributo importantíssimo no estudo da toponímia, uma vez que os estudos até então existentes não contemplavam a totalidade de taxonomias que a autora apresenta. De acordo com Di Tizio (2009:30),

“estes estudos visam a uma sistematização metodológica para a orientação de pesquisas toponímicas”.

Para a elaboração da taxonomia toponímica, Dick estudou os nove mecanismos de nomeação propostos por George Stewart, em 1954 e constatou algumas limitações no estudo apresentado por Stewart. Dick observou que a aplicabilidade da teoria de Stewart podia não atender a todos os sistemas onomásticos conhecidos, sendo necessário a elaboração de estudos localizados para identificar causas toponímicas (cf. Di Tizio 2009, *apud* Dick, 1992:25).

Constatando estas insuficiências, Dick elaborou, em 1975, o primeiro modelo de classificação que continha 19 taxonomias. Esse modelo depois foi reformulado e publicado em 1990, contando com 27 taxonomias, das quais 11 se referem ao ambiente físico e são denominadas de taxonomias de natureza física e 16 estão ligadas às relações que envolvem o ser humano inserido em um grupo com os seus aspectos sociais, culturais denominadas taxonomias de natureza antropocultural (cf. Di Tizio, 2009).

Muitos trabalhos, em toponímia, são elaborados tendo em conta o modelo de Dick. Na sua obra intitulada a “Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo”, Dick (1997) fala de referenciais toponímicos em vez de taxonomias toponímicas e nos trabalhos seguintes adopta a designação de taxonomias toponímicas.

Vamos apresentar, em seguida, as taxonomias de natureza física e as taxonomias de natureza antropocultural, segundo o modelo proposto por Dick.

1.6. Taxonomias de Natureza Física

Fazem parte deste grupo topónimos que se referem aos elementos da paisagem e do ambiente físico, Baptista (2011:42).

1. **Astrotopónimos** - São topónimos relativos aos corpos celestes, exemplo: as estrelas, sol e a lua.
2. **Cardinotopónimos** - É o nome dado ao topónimo quando este faz referência à posição geográfica: Rio Grande do Sul, Praia do Leste;
3. **Cromotopónimos** - Classifica-se o topónimo com esta taxa quando faz referência à cor como Rio Negro.
4. **Dimensiotopónimos** - Faz referência à extensão, comprimento, largura, profundidade: Rio Grande, Morro Alto;

5. **Fitotopónimos** – “*são topónimos que dão realce à vegetação em geral e aos produtos deles derivados. Rua das flores e viaduto do Chá são topónimos resultantes da perspectiva fitonímica que o homem quase não viu na cidade, ou dela não quis transformar em elemento motivador da paisagem urbana*” Dick (1997:222);
6. **Geomorfotopónimos** – são topónimos que indicam a configuração do relevo Dick (1997:220). Por exemplo: planalto, montanha, monte, vale, monte alto, ilha.
7. **Hidrotopónimos** – são topónimos que resultam de acidentes hidrográficos: rios, água.
8. **Litotopónimos** – referem-se à constituição do solo e de minerais: barro, ouro;
9. **Meteorotopónimos** – relativos aos fenómenos atmosféricos, como o vento, a chuva, neve e trovoadas, riacho das Neves;
10. **Morfotopónimos** – os que reflectem o sentido de forma geométrica: triângulo;
11. **Zootopónimos** – relativos a animais domésticos e não-domésticos, lagoa da onça.

1.7. Taxonomias de Natureza Antropocultural

São topónimos que se referem a aspectos culturais, ideológicos e sociais, Baptista (2011:42). Apresentamos em seguida as taxonomias:

1. **Animotopónimos ou Nootopónimos** - referentes a vida psíquica e a cultura não pertencentes à cultura física (vitória, triunfo, saudade, belo, feio);
2. **Antrotopónimos** – os referentes aos nomes próprios individuais (algunha, apelidos de família);
3. **Axiotopónimos** – relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais;
4. **Corotopónimos** – refere-se a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes (Lubango, Angola, África);
5. **Cronotopónimos** – encerram indicadores cronológicos, representados pelos adjectivos novo, nova, velho, velha (Nova Vida);

6. **Derrematopónimos** – os topónimos constituídos por frases enunciados por: Valha-me Deus, Deus me livre;
7. **Ecotopónimos** – topónimos relativos a habitações de um modo geral;
8. **Ergotopónimos** – referentes aos elementos da cultura material;
9. **Etnotopónimos** – relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos.);
10. **Hierotopónimos** – relativos a nomes sagrados de crenças diversas (cristã, hebraica), a efemérides religiosas, associações religiosas e aos locais de culto com subdivisões em:
 - a. **Hagiotopónimos** – referem-se a nomes de santos, santas: São Paulo;
 - b. **Mitotopónimos** – referem-se a entidades mitológicas.
11. **Historiotopónimos** – relativos aos movimentos de carácter histórico-social e às datas comemorativas como por exemplo: 11 de Novembro;
12. **Hodotopónimos ou Odotopónimos** – referentes a vias de comunicação rural ou urbana: Rua da Palha, Travessa;
13. **Numerotopónimos** – relativos a adjectivos numerais: Três Pontes;
14. **Politopónimos** – constituídos pelos vocábulos, aldeia, povoado, vila, cidade;
15. **Sociotopónimos** – são topónimos relativos a actividades profissionais, locais de trabalho e aos pontos de encontros da comunidade (largo, praça), Engenho Novo;
16. **Somatopónimos** – são metaforicamente relativas as partes do corpo humano ou do animal: Cotovelo, Dedo Grosso.

1.8. Os Estudos Toponímicos em Angola

Embora não seja tradição empreender estudos nesta área da Toponímia em Angola, verifica-se, no entanto, muita preocupação por parte do Estado Angolano em desenvolver esta área a par das outras áreas que já se encontram em franco desenvolvimento. Deste modo, pode citar-se os trabalhos já realizados neste campo: *Grupo Técnico da Comissão Multisectorial para a Harmonização da Ortografia da Toponímia da Divisão Político-administrativa, República de Angola (2003 -2004).*

Este trabalho foi desenvolvido a nível nacional e envolveu os vários Ministérios e Governos provinciais. Fez-se uma recolha de todos os topónimos por cada província e com algumas breves explicações de cada topónimo. Há uma tentativa de harmonização da grafia, embora se note a falta de consistência em algumas situações.

Mas é um trabalho toponímico em que se vê a vontade clara do Estado em desenvolver este campo. Outro trabalho a destacar é o do Professor Zavoni Ntondo e João Fernandes sobre *a Contribuição para uma Normalização Ortográfica da Toponímia Angolana* (s/d). As questões do aportuguesamento, proposta para uma normalização e uniformização gráfica e dos processos fonéticos das línguas *bantu* foram abordados com muito rigor.

De destacar também a Dissertação de Mestrado de Berta Maria Oliveira Jacob sobre *a Toponímia de Luanda das Memórias Coloniais às pós-coloniais*, Lisboa, 2011. Pode-se constatar os seguintes aspectos sobre a cidade de Luanda: breve história da cidade de Luanda; a fundação; da expansão urbana da cidade; a cidade pós-colonial; a Toponímia no período colonial; a Toponímia após a independência e das figuras da Toponímia.

Pelo conhecimento que temos até ao momento sobre as instituições académicas do país, apenas a Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto tem desenvolvido trabalhos na área da Toponímia. Outro trabalho embora não esteja directamente ligado ao estudo da Toponímia é o da Professora Amélia Mingas sobre *a interferência do Kimbundu no Português falado em Luanda*, mas que aborda as diversas alterações gráficas, sobretudo, as transformações pelas quais o nome Luanda passou até aos nossos dias. Esta obra trata da história da cidade de Luanda e pelo que se verifica, a cidade que hoje se designa por Luanda antes era designada por Loanda e foi fundada a 25 de Janeiro de 1576 por Paulo Dias de Novais, sob o nome de São Paulo de Assunção de Loanda.

1.9. A Importância da Lexicologia no Estudo da Toponímia

O estudo da toponímia enquadra-se nos ramos da investigação em Lexicologia e Lexicografia e de acordo com Baretta (2006: 20)

“uma das principais ramificações do estudo lexicográfico é o estudo dos nomes próprios, que também se divide em nomes próprios de pessoas e de lugares”.

Para a autora, a toponímia é um dos ramos da Lexicologia e ao nomearmos os lugares, usamos as palavras que, por sua vez, se traduzem num acervo lexical, recorrendo necessariamente à Linguística.

Por outro lado, Biderman (Bareta, 2006, *Apud*, Biderman, 2001b: 13) diz que

“a Lexicologia compreende o estudo científico do léxico e uma de suas principais funções é analisar as relações do léxico de determinada língua com a cultura e sociedade na qual está inserida”.

Este estudo que apresentamos tem o seu fundamentado em Lexicologia, enquanto área da Linguística. No processo de nomeação ou de designação, servimo-nos da língua e de acordo com Lino (1991: 13),

“é através da linguagem e da experiência humana que se encontra uma expressão. [...] cada língua impõe, àqueles que a utilizam, um modo particular de leitura do real”.

A Toponímia é indissociável do léxico, uma vez que ao atribuírmos o nome a um local, usamos o léxico que se manifesta através da língua.

Para Sapir (1969, p. 45), o léxico da língua é

“ o que mais nitidamente reflecte o ambiente físico e social dos falantes”. Segundo o mesmo autor, quando se tem à disposição o léxico completo de uma língua, é possível chegar-se a conclusões sobre o carácter do ambiente físico e as características culturais do povo que faz uso dessa língua como língua materna”.

Dick ao relacionar o léxico com a Toponímia salienta que:

“na parte do léxico atribuída à Toponímia muitos nomes são tomados como empréstimos à Geografia, especialmente os dos cursos de água. Esses acidentes geográficos são enriquecidos

semanticamente, tornando a terminologia específica um instrumental valioso para as pesquisas científicas e traduzindo, muitas vezes, a realidade conhecida e experimentada pelo homem”
Bareta (2012, *Apud*, Dick, 1992:64).

Cada língua possui o seu vocabulário próprio, *é o vocabulário de uma língua que reflecte mais claramente «l’environnement physique et social de ceux qui la parlent»*, Lino (1991, *Apud*, Sapir, 1958: 179). Não se pode esquecer que o léxico evolui e com o passar do tempo, algumas palavras entram também em desuso e isso também tem repercussões no léxico toponímico. Muitos nomes de lugares deixaram de existir, dando lugar a outros.

CAPÍTULO II
ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

2.1. Sociolinguística

“Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de forma inquestionável” (Silva:49). Pode afirmar-se que essa relação é a base de constituição do ser humano. No entanto, decidimos abordar aspectos sociolinguísticos, porque a Toponímia só faz sentido dentro de uma sociedade, através do estudo da língua. Só é possível realizar estudos toponímicos, no seio de uma sociedade e através de uma língua que neste caso concreto é a língua *Olunyaneka*.

De acordo com o Dicionário Houaiss, “a sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade e dá ênfase ao carácter institucional das línguas. Estuda ainda o comportamento linguístico dos membros de uma comunidade e de como ele é determinado pelas relações sociais, culturais e económicas existentes” (Houais, 2003:3361).

De facto, a língua, a cultura, a sociedade são elementos essenciais para o estudo da Toponímia. Contudo, o estudo é sociolinguístico pretende relacionar o nome do lugar com factores socioculturais, históricos e linguísticos da região em estudo.

2.2. Estatuto da Língua Portuguesa em Angola

A Língua Portuguesa goza de um estatuto de peso em relação às outras línguas de origem *bantu*. Para Costa (2006:40),

“o estudo da língua portuguesa, em Angola, implica necessariamente uma reflexão e um exame aprofundados, já que existe muitas condicionantes históricas, sociais e linguísticas que caracterizam este país.

Costa ainda sublinha

“que o desembarque dos primeiros navegadores portugueses em Angola, nos finais do séc. XV, deu origem a uma longa colonização do território que se arrastou por um período de quase cinco séculos. O que provocou, ainda de acordo com o autor, um fenómeno de aculturação com reflexos notáveis no domínio da linguística apesar de as línguas pré-existentes terem resistido ao processo da

“glotofagia” e terem continuado vivas, em virtude da dinâmica interna e externa, que sempre exibiram” (Costa, 2006: 44).

Já nessa época, muitos diplomas legais de carácter coercitivos foram emitidos para impedir que as línguas locais fossem utilizadas na comunicação do dia-a-dia e na comunicação oficial. Dos vários diplomas emitidos na altura, o mais citado é o do então alto-comissário em Angola Norton de Matos emitido em 1921 que proibia severamente o uso das línguas locais em todas as circunstâncias da vida social. Deste diploma, transcrevemos, da obra de Costa, os seguintes pontos:

[...]

Art. 2º Não é permitido ensinar nas escolas das missões línguas indígenas.

Art. 3º É vedado na catequese das missões, nas suas escolas e em quaisquer relações com os indígenas o emprego das línguas indígenas por escrito ou de outra língua que não seja a portuguesa por meio de folhetos, jornais, folhas avulsas e quaisquer manuscritos [..].

Vê-se claramente que estas medidas em nada contribuíram para o desenvolvimento das línguas locais, antes pelo contrário retardaram ainda mais o crescimento e desenvolvimento destas línguas.

Depois desta fase, a Constituição da República de Angola consagrou (no artigo 19.1) a Língua Portuguesa como língua oficial e ganha, assim, o estatuto de língua oficial e exerce, até aos nossos dias, um papel plurifuncional de uso nos domínios da vida sócio-política-económica e cultural, e veicular no país, pois permite a comunicação entre os vários grupos etnolinguísticos, ocupando o espaço nacional, refere Ntondo (2002: 18).

Diga-se também que a língua portuguesa serve de elo entre as diversas populações que falam as diversas línguas *bantu*. No entanto, “com o aumento do número de falantes de português em Angola [...] criou condições para o desencadeamento do que pode chamar-se o processo de “nativização”, (Raposo, 2013:160). A adopção da Língua Portuguesa como língua oficial permitiu também uma certa uniformização e harmonia linguísticas por parte dos habitantes deste país [...]

“A língua portuguesa permite a comunicação entre os vários grupos etnolinguísticos ocupando o espaço Nacional. As áreas de difusão da língua oficial, a Língua Portuguesa, correspondem em certa medida, aos limites fronteiriços do País. Ela cobre toda a extensão do território Nacional e é falada de Cabinda ao Cunene, do Mar ao Leste, refere (Ntondo, 2002: 18).

O mesmo autor ainda acrescenta que o estatuto da língua portuguesa como língua oficial:

confere uma certa plurifuncionalidade exclusiva. A coabitação com as demais línguas angolanas originou o surgimento de uma variante nacional do português ao que se podia chamar de “português vernacularizado” que, massificando-se, tornou-se veicular (Ntondo, 2002: 19).

A Língua Portuguesa, em Angola convive, de certa forma, com as outras línguas de origem *bantu* conforme afirma Costa (2002: 171)

“a existência da língua portuguesa em Angola ocorre numa sociedade caracterizada por uma forte estratificação linguística. Ela partilha o mesmo espaço sociológico com os outros idiomas geneticamente distintos. E isso faz com que Angola seja um país plurilingue, tal como a maioria dos países africanos, que possuem uma composição sociolinguística muito complexa e heterogênea”.

A ideia de se ter a Língua Portuguesa como língua oficial deve ser apoiada, uma vez que traz benefícios internos e até mesmo internacionais; mas também não pode pôr-se de parte ou esquecer as línguas de origem *bantu*. De acordo com Typa (2002: 7)

“as línguas locais devem ser ensinadas para preparar as pessoas a aprenderem o português. As pessoas deviam ser ensinadas a ler e a escrever primeiro nas suas línguas maternas”.

A mesma linha de pensamento é partilhada por Malumbu (2007: 17) quando afirma que

“as línguas bantu não devem ser postas de lado, já que estas constituem a nossa identidade e as instituições vocacionadas para a promoção das mesmas que o façam”.

Em Angola, *“as razões que levaram à adopção da língua portuguesa como língua veicular e oficial também estarão na base da sua escolha para a língua de escolarização”*, refere Mwamba (2012: 25).

E a este respeito, Camacha Costa (2004: 20) afirma

“que durante a colonização, o Português foi a língua de ensino e depois da independência, em 1975, o governo optou pela sua permanência não só como veículo de ensino, mas também como língua oficial. Ela teve grande influência no país, sobretudo nas grandes cidades, servindo de veículo de comunicação entre os nativos e comunidades estrangeiras e entre os nativos de etnias diferentes”.

Embora a Língua Portuguesa tenha uma certa posição privilegiada pelo papel que desempenha como língua oficial, a Constituição da República de Angola também reconhece as demais línguas, a par do português, como línguas de Angola.

Entretanto, o Ministério da Educação já implementou o ensino das seis línguas *bantu* mais faladas no país no Subsistema do Ensino Primário, nomeadamente *Oshikwanyama, Umbundu, Kikongo, Cokwe, Ngangela e Kimbundu*.

2.3. As Línguas de origem bantu e não bantu

Todas as comunidades linguísticas têm direito a usar a sua língua e a mantê-la e Promovê-la em todas as formas de expressão cultural¹. Angola é um país plurilingue e de acordo com Ntongo (2002:41), o povo angolano é constituído por descendentes de povos *bantu não bantu (Hotentote e Khoisan)*, *pré bantu (Vátwa)*, *bantu*, descendentes (de europeus ou entre europeus e africanos). Neste sentido, os povos de origem *bantu*, salienta

¹ Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, artigo 41, nº 1 (Barcelona, 1996).

Ntongo, constituem a maioria do povo angolano, se compararmos, por exemplo, com os povos de origem não *bantu* que são em número bastante reduzido. A língua *Khoisan* caracteriza-se pelo emprego de cliques.

Relativamente ao povo de origem *bantu*, o autor afirma que este constitui a grande maioria do povo angolano. Este povo é agrupado em 9 grandes grupos etnolinguísticos, nomeadamente: *Tucokwe*, *Ambundu*, *Bakongo*, *Vangagela*, *Ovanyaneka-Nkhumbi*, *Ovahellelo*, *Ovambo*, *Ovandonge* e *Ovimbundu*. Estes grupos são constituídos pelas suas respectivas línguas e cada língua possui uma série de variantes.

As línguas de origem *bantu* apresentam algumas características gerais e depois cada língua tem a sua especificidade. No que diz respeito às características gerais, Ntongo (2002:69) salienta o seguinte: os nomes são caracterizados por prefixos que indicam o singular e o plural, a classificação é feita em função dos seus prefixos do singular e do plural; a maior parte das línguas *bantu* utiliza os tons; o sistema vocálico é simétrico, quer dizer que este sistema comporta uma vogal central (a) e um número idêntico (2) de vogais anteriores (i, e) e de vogais posteriores (u, o); algumas consoantes orais não aparecem de forma isolada por serem sempre pré-nasalizadas, precedidas de consoantes nasais. As línguas *bantu* não têm artigos.²

Apesar da diversidade linguística do país, verifica-se, no entanto, uma convivência saudável entre as línguas de Angola. Apresentamos a seguir o quadro dos grupos etnolinguísticos e as suas respectivas línguas:

Grupo Etnolinguístico	Língua
Tucokwe	Cokwe
Ambundu	Kimbundu

² De acordo com os estudos realizados, *bantu* é o conjunto dos povos (da África Central, da África Oriental, da África Austral) que nas suas próprias línguas denominam o ser humano através do radical “*ntu*”. Este povo partiu mais ou menos da região do *Benue*, hoje fronteira entre a República dos Camarões e a República da Nigéria, para Leste e para Sul do Continente, alcançando a região da Bacia do Congo, do Planalto Luba e dos Grandes Lagos, de onde partiu a expansão para Angola, Ntongo Zavoni (2002:35).

Bankongo	Kikongo
Vangangela	Ngangela
Ovanyaneka- Nkhumbi	Olunyaneka
Ovachelelo	Oshihelelo
Tucokwe	Cokwe
Ovambo	Oshindonga
Ovimbundu	Umbundu

Tabela nº 1: Grupos Etnolinguísticos *Bantu* de Angola e suas Respectivas Línguas.

In: Angola: Povos e Línguas, pág. 56.

2.4. A Língua *Olunyaneka*

A língua *Olunyaneka* pertence ao grupo etnolinguístico *Ovanyaneka-Nkhumbi*. Segundo Ntondo (2002:49), este grupo estabeleceu-se no planalto da Humpata e ao longo do curso do rio Kunene. A língua *Olunyaneka* é falada no Sul de Angola, na província da Huíla e tem 11 variantes distribuídas pelos 14 municípios que compõem a província da Huíla.

O autor refere que apesar de o povo praticar agricultura, a pecuária constitui a principal actividade económica deste grupo. A língua *Olunyaneka* tem as seguintes línguas vizinhas: a Norte: *Umbundu*; a Este: *Ngagela*; a Sul e Sudoeste: *Oshikwanyama* e *Oshindonga*; Oeste: *Oshihelelo*.

São variantes da língua *Olunyaneka*, as seguintes:

- Handa (Cipungu);
- Handa (mupa);
- Hinga;
- Nkhumbi;
- Mwila;
- Ngambwe;
- Ocilenge humbe;
- Ocilenge musó;
- Ocipungu;
- Onkwakwa



Figura nº 2: Fonte: *In:* Instituto Nacional de Estatística (INE).

O local destacado no mapa ilustra a província onde a Língua *Olunyaneka* é falada. Neste mapa, podemos visualizar as províncias que fazem fronteira com a província da Huíla e nestas regiões vizinhas encontram-se também falantes da língua *Olunyaneka*. Porém, conforme o título da nossa tese, o estudo cinge-se apenas a comuna da província da Huíla, que é a comuna do Hoque.

2.5. O Alfabeto da Língua Olunyaneka

O alfabeto das línguas *bantu* baseia-se no da Língua Portuguesa, embora haja algumas diferenças devido à natureza fonética das línguas *bantu*. Segundo Ntondo, o sistema das línguas nacionais é muito simplificado por não conter as nasais, excepto a Língua *Umbundu*³. O autor admite que há certas divergências na escrita de algumas consoantes entre si, o que as torna diferentes.

A questão do alfabeto da língua *Olunyaneka* é importante para facilitar a leitura dos topónimos que iremos apresentar no capítulo a seguir. Tal como acontece com as

³ A expressão Línguas Nacionais era usada para designar as *línguas de origem bantu faladas em Angola*. A Constituição de 2010 passou a designar Línguas de Angola todas as línguas, incluindo a língua portuguesa.

outras línguas *bantu*, a língua *Olunyaneka* tem cinco vogais e relativamente às consoantes, as consoantes desdobram-se em simples e complexas. A língua *olunyaneka* não possui o fonema /g/, /b/, /d/, /j/, mas sim /ng/, /nd/, /nj/, o fonema /Q/ não faz parte do alfabeto da língua *Olunyaneka*. Em *Olunyaneka*, o fonema /s/ nunca é duplicado, pois mantém o som /s/ em todas as posições em que este aparece.

Símbolos Fonéticos	Símbolos gráficos	Exemplos	Significado
[a]	a	<u>a</u> me	eu
[tchê]	c	<u>c</u> etu	obrigado
[e]	e	<u>e</u> tu	nós
[f]	f	<u>f</u> eto	pagamento
[hê]	h	<u>h</u> ono	hoje
[i]	i	<u>i</u> na	mãe
[k]	k	<u>k</u> eu	céu
[l]	l	<u>l</u> áu	descer
[mê]	m	<u>m</u> êpya	lavra
[mb]	mb	<u>mb</u> embwa	paz
[n]	n	<u>n</u> ana	puxa (verbo puxar)
[nd]	nd	<u>nd</u> enge	mais novo
[ng]	ng	<u>ng</u> anjo	cerco
[nj]	nj	<u>nj</u> amene	defender
[o]	o	<u>o</u> lve	quem é?
[p]	p	<u>p</u> opya	fala
[s]	s	<u>s</u> ukula	lavar
[t]	t	<u>t</u> ala	olhe
[u]	u	<u>u</u> lula	grite
[v]	v	<u>v</u> alanda	compraram
[w]	w	<u>w</u> ahoka	magra
[y]	y	<u>y</u> oka	assar

Tabela nº 2: Alfabeto da Língua *Olunyaneka*

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS TOPÓNIMOS DA COMUNA DO HOQUE

3.1. Metodologia

Neste capítulo, iremos explicar o procedimento metodológico de que nos servimos para a obtenção e análise dos dados estudados.

Primeiro fizemos um levantamento dos dados, junto das Direcções Provinciais, Administrações Comunitárias. Efectuámos também várias entrevistas. Em seguida, vamos falar da constituição do corpus.

3.2. Constituição do corpus de análise⁴

Os dados que irão formar o *corpus* da pesquisa dos topónimos resultam de várias entrevistas com os sobas, seculos e administradores da Comuna do Hoque. Para a realização deste estudo toponímico efectuámos a seguinte metodologia:

1. Recolha de dados: os nomes de lugares foram levantados, tendo em conta o número dos intervenientes, sobas, seculos e administradores. Só iremos tratar dos topónimos que mereceram maior explicação por parte das pessoas consultadas.
2. Análise prévia dos dados: os topónimos foram registados; depois procedemos às entrevistas e consoante as explicações dadas pelos sobas, seculos e administradores, fizemos a especificação do tipo “*de acidente geográfico, a origem etimológica do nome e distribuição toponímica em categorias taxionómicas que representam os principais padrões motivadores dos topónimos*”, de acordo com a proposta de Dick (1990).

As entrevistas foram realizadas no dia 21 de Agosto de 2014 e contamos com a presença dos sobas, seculos das diversas povoações ou aldeias da Comuna do Hoque.

A Comuna é constituída por 7 bairros ao seu redor, nomeadamente: bairro Dr. António Agostinho Neto, Simion Mucune, 4 de Abril, 1º de Maio, Rainha Nzinga

⁴ Há pouca coisa escrita sobre a toponímia em Angola daí que a maioria dos dados foram fornecidos oralmente pelos sobas, seculos e administradores em alguns casos. Procedemos a filmagens dos intervenientes neste trabalho e guardamos os vídeos de todos os entrevistados.

Mbandi, Cerâmica e Hoji ya Henda e 30 aldeias pelo facto de serem os que mais tinham informações, junto dos nossos entrevistados. Deste modo, passamos a enumerar os seguintes nomes de aldeias:

Hoque; António Agostinho Neto; 4 de Abril; Cem-Cem; Cenge; Cerâmica; Cikala; Cikanda; Cipalakasa; Etete; Etoko; Hima; Hoji ya Henda; Kambalombo; Kamwenha; 1º de Maio; Massango; Ohanga; Okakwa; Okapeke; Ombala; Ombala yomukwa; Ombangu; Omukhondo; Omukuyu; Omulala; Omulyandjamba; Omutikula; Omutunda; Ondimba yongonga; Onongunga; Omakelo; Onthuvili; Outa; Ovivandje; Rainha Nzinga Mbandi; Simion Mukune.

Foram analisados 37 topónimos. Desse número, uns são de natureza física e outros são de natureza antropocultural, mas verificamos também que alguns topónimos não se enquadram nas duas taxonomias propostas por Dick (1990). E estes terão a designação de topónimos neutros. Os topónimos analisados são, na sua maioria, rurais daí a tendência de encontrarmos mais topónimos de natureza física do que topónimos de natureza antropocultural.

3.3. A Questão Ortográfica dos Topónimos

A questão da grafia dos topónimos é uma das principais tarefas a que o estado angolano pretende resolver. E de acordo com Ntondo e Fernandes,

“o actual contexto exige a reposição linguística dos topónimos com base no sistema fonológico das línguas em que eles são designados, de forma a inseri-los na sua cultura e/ ou história correcta. Neste sentido, os topónimos precisam de ser pesquisados, analisados e estudados para depois se adoptar a grafia correcta”.

Verifica-se algumas situações em que um mesmo topónimo é grafado ora com /k/ ora com /c/, como por exemplo Kakula e Cacula.

Para se determinar qual é a grafia correcta, precisa-se primeiro de investigar a história do topónimo, a origem, a língua e só depois é que se pode determinar a grafia correcta.

No exemplo dado, Kakula foi o nome do homem que habitou esta região vindo de Quipungo e depois da rivalidade com a sua irmã, este decidiu mudar-se para esta região que hoje é denominada Kakula, porque em conversa com os outros, ele dizia:- *Nekula que, na língua Olunyaneka, significa cresci.*⁵ Conhecendo um pouco desta história, dará certamente para adoptar uma grafia correcta do topónimo. Neste aspecto, Ntondo Zavoni (s/d) afirma que:

“todas as comunidades linguísticas têm direito a fixar, preservar e rever a toponímia autóctone. E sustenta ainda que “a mesma não pode ser alterada ou adaptada arbitrariamente e nem pode ser substituída em caso de mudança política ou outras”.

A toponímia em Angola está, fundamentalmente, escrita em Português e nas línguas *bantu*; mas não descartamos, entretanto, que haja topónimos nas outras línguas, uma vez que os estudos na área da toponímia ainda são bastante recentes.

Aliás, embora estejamos a estudar a Toponímia de uma região de falantes da língua *Olunyaneka*, factor característico de um país plurilingue, também se regista, na comuna do Hoque, topónimos vindos de outras línguas. Assim, registamos, entretanto, a existência de topónimos em mais duas Línguas de Angola, nomeadamente as línguas *Kimbundu* (Hoji ya Henda) e Portuguesa (António Agostinho Neto, 4 de Abril, Cerâmica e 1º de Maio). Regista-se ainda um topónimo em duas línguas: Portuguesa e *Kimbundu* (Rainha Nzinga Mbandi). Este facto, leva-nos a concluir que há uma convivência sadia entre as línguas de Angola, facto que contribui para uma coesão e harmonia da própria sociedade e o engrandecimento do país enquanto nação.

Por questões históricas, constatou-se que muitos topónimos sofreram o processo de aportuguesamento e segundo Calvet (Ntondo Zavoni, *apud*, Calvet, 1974),

“a política colonial portuguesa que consagrou a glotofagia das línguas dos povos colonizados tentou impor o unilinguismo com a utilização prestigiada da língua portuguesa e essa situação tem implicações negativas na toponímia de todo o país. E

⁵ Relatório Final do Grupo Técnico da Comissão Multissetorial para a Harmonização da Ortografia da Toponímia da Divisão Político-Administrativa. Pág. 2.

inevitavelmente, a toponímia ficou despida da sua essência cultural, histórica e psicológica, tornando-se assim desconhecida e desprovida de todo o significado que a liga à sua cultura e história intrínsecas”.

Ainda sobre o processo de aportuguesamento dos topónimos, o autor acrescenta que o mesmo acontece com a desnasalização do grupo consonântico (pré-nasalizado), por exemplo: Jamba, Ndjamba, Gambos, Ngambwe, Bailundo, Mbalundu e tantos outros. Estes topónimos estão assim grafados em documentos oficiais como é o caso, por exemplo, do Decreto nº 339/ 70 do Ministério do Ultramar e em outros documentos oficiais do Estado. E pelas informações que temos, este Decreto ainda continua em vigor, uma vez que ainda não existe outro diploma legal que o tenha revogado. O Decreto é bastante exaustivo na medida em que contempla, com detalhes, todas as localidades, rios, de Angola.

No entanto, o nosso trabalho não surge no sentido de propor a alteração dos topónimos já aportuguesados. Nós propomos que todos os topónimos que estejam neste momento aportuguesados não devem ser alterados; a sua alteração implicaria gastos enormes e criaria também problemas de comunicação a todos os níveis, na aviação e na orientação das pessoas no território nacional.

Propomos que os topónimos que estão a ser criados e os que virão a ser criados no futuro contemplem as questões históricas, linguísticas, culturais e, conseqüentemente, a grafia correcta. Uma vez que a reconstrução não passa por alterar tudo, mas em evitar que os erros do passado se perpetuem. E para os topónimos em línguas *bantus* há necessidade de se conhecer o sistema fonológico das mesmas.

3.4. A Comuna do Hoque

Os bairros e aldeias da Comuna do Hoque, que formam o *corpus* desta pesquisa, serão analisados e classificados segundo o modelo da ficha lexicográfico-toponímico proposto por Dick. A autora propõe, conforme já nos referimos, um modelo taxonómico para a classificação dos topónimos, dividindo-os entre os de natureza física e os de natureza antropocultural. Iremos enquadrar os topónimos nestas diversas taxonomias

propostas por Dick. Os princípios teórico-metodológicos que seguimos são inspirados no modelo de Dick.

Os topónimos em análise trazem consigo aspectos relacionados com a língua, história, e com a cultura do povo, já que a Toponímia está inserida e reflecte sempre o *modus vivendi* de um povo.

Relativamente às datas de fundação, não se sabe ao certo quando é que uma determinada aldeia ou região surgiu. Só temos registo da Comuna do Hoque que foi fundada em 1913 pelo chefe do Posto Administrativo chamado Muhungo⁶ e da aldeia da Hima que foi fundada em 1922 pelos missionários da Congregação do Espírito Santo. A ideia dos missionários, segundo relato dos informantes, era erguer a Missão nesta localidade, mas devido a problemas de escassez de água acabaram por abandonar o local e foram para a área do Sêndi onde acabaram por fundar a Missão. Esta servia para evangelizar a população e também escolarizar, aliás, esta tradição se mantém até aos dias de hoje.

3.5. As Fichas Lexicográfico-Toponímicas

Para a elaboração desta ficha baseamo-nos no modelo metodológico proposto por Dick (1990). Apresentamos a seguir a ficha lexicográfico-toponímico com os elementos

⁶ Munhugu foi alcunha que a população local atribuiu ao chefe do Posto Administrativo na época. O nome resultou pelo facto de o chefe ser mau, extremamente rigoroso no julgamento dos crimes que a população cometia. Durante o julgamento, o chefe puxava a barba do arguido e como fazia isso em todos os julgamentos a população atribuiu-lhe o nome de Muhungu (barba).

para a definição do topónimo em análise. Os elementos que irão fazer parte da ficha são os seguintes:

- **Província:** Refere-se ao local de maior extensão, onde se inclui o município, a comuna e as aldeias.
- **Município:** Local de menor extensão, onde faz parte a comuna e as aldeias.
- **Comuna:** Repartição Administrativa constituída pelas aldeias ou sectores;
- **Língua:** Refere-se à língua de origem que está na base da formação do topónimo que no caso concreto é a língua *Olunyaneka* e a língua Portuguesa.
- **Topónimo:** Corresponde ao nome do registo recolhido
- **Taxonomia:** Registámos “*a taxe do topónimo, isto é, o nome de lugar inserido na ficha e deverá receber uma classificação de uma das 27 taxes ou taxonomias que traduzem condutas motivadoras orientadas pela ordem física e antropocultural de suas ocorrências*”, segundo DICK (1990).
- **Variante Gráfica:** a variante em que o topónimo está escrito.
- **Proposta de Grafia:** Tentar propor uma provável grafia para o caso dos topónimos aportuguesados.
- **Adjectivo gentílico:** Indica a naturalidade ou a origem do nascimento de alguém. Apresentaremos a seguir a ficha lexicográfico-toponímica:

Tabela nº 3: Modelo da Ficha Lexicográfico-toponímica

Província:	
Município:	Taxonomia:
Comuna:	
Língua:	
Topónimo:	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

Nem sempre será possível apresentar a taxonomia dos topónimos analisados isto porque há topónimos que não se enquadram no modelo proposto por Dick. A formação dos adjectivos gentílicos nem sempre é possível. Não apresentaremos proposta sempre que se verifique que o topónimo está na grafia correcta.

Tabela nº 4: Ficha Lexicográfica do topónimo Hoque

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Hoque	
Variante Gráfica: Hoque	
Proposta de Grafia: Hoke	
Adjectivo gentílico: ovahoke	

Hoque [1]: Sem denominação – Há duas explicações sobre o surgimento do topónimo Hoque: 1) uns defendem que primeiro era um *ombala*, local onde vivia o *mwene mbala* (autoridade máxima do poder tradicional); 2) outros defendem ainda que primeiro foi construída uma casa coberta de capim (*Omuhoke*), onde eram julgados os membros da comunidade e devido aos duros castigos aos quais eram sujeitos, a população deu o nome de *Omuhoke*. Sendo esta última hipótese a mais aceite pela maioria dos habitantes da região. *Omuhoke* é um tipo de capim que se usa para cobrir as casas (*onondjovo*), na língua *Olunyaneka*. Na altura tinha a designação de Posto Administrativo.

Omuhoke foi fundada em 1913 por Tyitanga. Antes desta fase, o pagamento de impostos era feito no Concelho de Quipungo, hoje município da província da Huíla. Com a chegada dos colonos, o nome sofreu um aportuguesamento e passou para Hoque. Faz fronteira com o município de Cacula a Norte, com o município de Quipungo, com o município de Quilengues e ocupa uma grande extensão. A principal riqueza desta comuna é a agricultura e a criação de gado.

Tabela nº 5: Ficha Lexicográfica do topónimo Dr. António Agostinho Neto

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: Língua Portuguesa	
Topónimo: Dr. António Agostinho Neto	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

Dr. António Agostinho Neto [2]: Antropónimo – É uma homenagem ao primeiro presidente de Angola, Dr. António Agostinho Neto. Há muitas escolas, bairros, hospitais e até mesmo ruas com este nome, para perpetuar aqueles que lutaram pela independência de Angola. É um dos 7 bairros ao redor da Comuna do Hoque. Verifica-se uma tendência para homenagear as grandes figuras que tanto fizeram e alguns até deram as suas próprias vidas pelo seu país; Dr. António Agostinho Neto foi o primeiro presidente de Angola, por isso é razão mais do que suficiente para o manter sempre vivo na memória de todos.

Tabela nº 6: Ficha Lexicográfica do topónimo 4 de Abril

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Historiotopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: Língua Portuguesa	
Topónimo: 4 de Abril	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

4 de Abril [3]: Historiotopónimo – É o dia da Paz e da Reconciliação Nacional. Depois do fim do conflito armado que assolou o país durante vários anos, o 4 de Abril de 2002 constitui uma das maiores conquistas do povo angolano, depois de se alcançar a

Independência Nacional, a 11 de Novembro de 1975, por marcar uma viragem decisiva no processo político e do próprio desenvolvimento do país. O 4 de Abril foi instituído como feriado nacional e passou a ser uma referência histórica importante na vida dos angolanos⁷. Muitas áreas habitacionais criadas depois desta data memorável têm este nome como data inesquecível.

Tabela nº 7: Ficha Lexicográfica do topónimo Cém-Cém

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Zootopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Cém-Cém	
Variante Gráfica: Cheém-Chém	
Proposta de Grafia: Cem-Cem	
Adjectivo gentílico: ovacém-cém	

Cem-Cem [4]: Zootopónimo – Existem duas explicações que deram origem a este nome:

1. Neste local havia duas árvores cruzadas e quando houvesse vento forte, as mesmas produziam um som *cem-cem*, resultante da acção do vento e como era frequente, os habitantes desta aldeia denominaram-na *Cem-Cem* ao local;
2. Havia uma grande lagoa, neste local, onde os animais bebiam água e, por sua vez, os caçadores cavaram uma cacimba e os animais (*onomphalanga*) acabavam por morrer afogados. Conta-se que houve uma grande seca aquele era quase o único local, onde se podia encontrar água em abundância, *Eiva lyomphalanga* (lagoa da palanca) na língua *Olunyaneka*.

Nota: Classificamos o topónimo como zootopónimo, porque a história de lagoa da palanca é a mais referenciada pelos entrevistados.

⁷ <http://www.radioecclesia.org/index.php?option=com>, 2015.

Tabela nº 8: Ficha Lexicográfica do topónimo Cenge

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Cenge	
Variante Gráfica: Cenge	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovacenge	

Cenge [5]: Sem denominação – Era uma mata com muitos animais ferozes, onde mais tarde viveu a senhora Cengety que deu o nome à aldeia. A este local as senhoras iam para fazer tranças, ou seja, *cengety*; mas *cengety* também pode significar as folhas que se utilizavam para pôr na cabeça das senhoras para hidratar o cabelo.

Tal como as outras áreas, aqui a prática da agricultura constitui a principal fonte de subsistência do povo desta região.

Tabela nº 9: Ficha Lexicográfica do topónimo Cerâmica

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: Portuguesa	
Topónimo: Cerâmica	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

Cerâmica [6]: Sem denominação – Neste local funcionou uma fábrica de cerâmica e só mais tarde a mesma deu origem ao Bairro com o mesmo nome. Actualmente, a fábrica já não existe, mas o nome ficou. É um bairro próximo da vila da

Comuna do Hoque, a Sul. Por ser de referência é a única nesta zona; a fábrica deu o nome ao bairro conforme aconteceu com os outros lugares.

Tabela nº 10: Ficha Lexicográfica do topónimo Cikala

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Cikala	
Variante Gráfica: Cikala	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovacikala	

Cikala [7]: Sem denominação - Era uma área pedregosa e não era favorável à prática da agricultura. *Cikala* significa deixar; era uma chamada de atenção para as pessoas não tentarem cultivar no local.

Tabela nº 11: Ficha Lexicográfica do topónimo Cikanda

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Cikanda	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovacikanda	

Cikanda [8]: Sem denominação – Era uma área onde havia muitas pedras. Antes, a área não era habitada e só depois é que passou a designar-se por *Cikanda*.

Tabela nº 12: Ficha Lexicográfica do topónimo Cipalakasa

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Cipalakasa	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovacipalasa	

Cipalakasa [9]: Sem denominação – É uma espécie de capim que fica, normalmente, ao longo do rio, ajudando a manter a água no rio no tempo seco.

Tabela nº 13: Ficha Lexicográfica do topónimo Toco

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Ergotopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Toco	
Variante Gráfica: Toco	
Proposta de Grafia: Etoko	
Adjectivo gentílico: ovoketoko	

Toco [10]: Ergotopónimo – Sofreu um aportuguesamento e, actualmente, escreve-se Toco. Era uma área de esconderijo dos ladrões do gado. Na língua Olunyaneka, “etoko” significa pedra. Conta-se que nesta pedra faziam-se cerimónias (okuvindika) com objectivo de confundir os adversários. Roubavam gado nos outros locais e escondiam-no; depois de fazerem a cerimónia okuvindika, os donos não conseguiam seguir o rasto do

gado, porque a cerimónia servia para impedir a descoberta dos animais. Etoko serve também para transformar os cereais.

Tabela nº 14: Ficha Lexicográfica do topónimo Hima

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Hima	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovahima	

Hima [11]: Antropónimo – Foi fundada por uma família com o mesmo nome. A família “*hima*” instalou-se, neste local, com o objectivo de cultivar milho, *masangu*, *masambala* e outros cereais. Havia muita fome na época: “*etu pase atuli ehima lyalele nombomba yahimamene*” foi o lema usado pela família para poder convidar os demais a instalarem-se no local, já que havia abundância de alimentos. Mais tarde surge o soba Tyoia que contribuiu para a ascensão da aldeia à categoria de Sector e, em 1922, chegaram os Missionários da Congregação do Espírito Santo com a intenção de fundar a Missão. Mas devido à escassez de água decidiram, mais tarde, transferir a Missão para a região do Sêndi.

Tabela nº 15: Ficha Lexicográfica do topónimo Hoji ya Henda

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Hoji ya Henda	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

Hoji ya Henda [12]: Antrotopónimo – Foi um comandante incansável na luta contra o colonialismo e sabe-se que terá morrido em combate, aos 27 anos de idade. Hoje é recordado como um herói nacional. Há muitas estruturas no país com o seu nome em forma de homenagem, a par de tantos outros heróis que lutaram pela independência de Angola. Existem bairros, ruas, escolas com o seu nome.

Tabela nº 16: Ficha Lexicográfica do topónimo Kambalombo

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Kambalombo	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovakambalombo	

Kambalombo [13]: Sem denominação – Era uma aldeia habitada maioritariamente por mulheres. Havia arbustos que as senhoras usavam para untar o cabelo e os homens iam para esta aldeia procurar as senhoras para casamento.

Tabela nº 17: Ficha Lexicográfica do topónimo Kamwenha

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Kamwenha	
Variante Gráfica: Kamuenha	
Proposta de Grafia: Kamwenha	
Adjectivo gentílico: ovakamwenha	

Kamwenha [14]: Antropónimo – A história narra que *Kamuenha* ia a procura de alimentos e quando tentava atravessar o rio morreu afogado e provavelmente os bichos cortaram-lhe a cabeça. Depois de retirarem o corpo do local, deram o nome ao rio e a toda a aldeia.

Tabela nº 18: Ficha Lexicográfica do topónimo 1º de Maio

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Historiotopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: Português	
Topónimo: 1º de Maio	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico	

1º de Maio [15]: Historiotopónimo – É o dia internacional do trabalhador e é celebrado anualmente em muitos países do mundo. É feriado em Angola e em alguns países do globo. No calendário litúrgico, por exemplo, celebra-se a memória de São José Operário por ser o padroeiro dos trabalhadores. Em Angola, encontramos muitos bairros com este nome.

Tabela nº 19: Ficha Lexicográfica do topónimo Massango

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Hidrotopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Massango	
Variante Gráfica: Massango	
Proposta de Grafia: Masango	
Adjectivo gentílico: ovasango	

Massango [16]: Hidrotopónimo – É o local, onde os rios se cruzam; por existir muita água para o gado. É um local onde as pessoas se encontram sobretudo na parte da tarde. Na língua *Olunyaneka* escreve-se com um /s/, tal como foi referido na alfabeto.

Tabela nº 20: Ficha Lexicográfica do topónimo Ohanga

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Ohanga	
Variante Gráfica: Hanga	
Proposta de Grafia: Ohanga	
Adjectivo gentílico: ovahanga	

Ohanga [17]: **Antropónimo** – Foi motivado pelo nome de um *mwene hanga* (*dono do hanga*); quando o colono chegou ao local, perguntou como é que se chamava aquele local e os habitantes responderam: *mwene hanga*. Segundo os informantes, a pergunta *ove utiwa ovelye?*,- “*ame anitiwa ame Hanga*” contribuiu para a atribuição do nome ao local.

Tabela 21: Ficha Lexicográfica do topónimo Okakwa

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Okakwa	
Variante Gráfica: Cacua	
Proposta de Grafia: Okakwa	
Adjectivo gentílico: ovakakwa	

Okakwa [18]: Sem denominação – O nome surgiu porque no local há um *omukwa*, embondeiro. Não há muitos embondeiros, há apenas um. É uma aldeia com poucas

árvores e o embondeiro é, até hoje, uma referência nesta zona. Inicialmente, era uma área habitada pelo povo *khoisan*, povo nómada que habitou primeiro o território angolano, de acordo com pesquisas feitas sobre este grupo. Encontra-se quase em extinção e em pequenos grupos no Sul de Angola. Os estudos arqueológicos conhecidos, até hoje, mostram que o povoamento humano do território angolano data de, pelo menos, 12.000 anos. Inicialmente, foi habitado pelos *Khoisan* (*Hotentote, Vakankala ou Kamusekele* também chamados de *Bosquimane*) e pelos *Vátwa*. É um povo não negro e não *bantu*, de estatura pequena, pele castanha clara e levemente amarelada. O cabelo forma pequenos tufo e os olhos são do tipo oriental, (cf. Ntongo, 2003: 24). Okakwa é o diminutivo e significa pequeno embondeiro. Não se sabe porquê que o denominam pequeno embondeiro, mas o certo é que o embondeiro é uma árvore grande. Podíamos classificar este topónimo como dimensiotopónimo, mas não expressa exactamente a largura como tal. No entanto, para ser dimensiotopónimo seria *omukwa unene, omukwa utito, em Olunyaneka*.

Tabela nº 22: Ficha Lexicográfica do topónimo Okapeke

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Okapeke	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovakapeke	

Okapeke [19]: Sem denominação – Havia muitas árvores “*onompheke*”, cujo óleo retirado dos caroços *serve* para tratar do cabelo e as povoações vizinhas iam para lá comprar o famoso *ongundi yonompheke*, na língua *Olunyaneka*, ou seja, o óleo *mumpheke* como é designado em português. Este óleo é conhecido um pouco por todo o território nacional.

Tabela nº 23: Ficha Lexicográfica do topónimo ombala

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: ombala	
Variante Gráfica: embala	
Proposta de Grafia: ombala	
Adjectivo gentílico: ovokombala	

Ombala [20]: Antropónimo – Este topónimo tem a sua origem em *mwene mbala*, cujo significado é o dono da *ombala*. O *mwene mbala* exerce o poder sobre os sobas e toda a comunidade; é a autoridade máxima do poder tradicional. Na resolução dos problemas, o *mwene mbala* é a última instância, já que os problemas primeiro passam pelo seculo depois pelo soba e caso estes não consigam resolver, então interpõe-se o recurso ao *mwene mbala*. Sofreu um aportuguesamento (*embala*), enquanto na língua *Olunyaneka* diz-se *ombala*. O *mwene mbala* tinha poder quase absoluto e tinha poderes de mandar uma trovoada ou relâmpago aos que desobedeciam às suas ordens.

Tabela nº 24: Ficha Lexicográfica do topónimo Ombala yomukwa

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Ombala yomukwa	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovokombala yomukwa	

Ombala Yomukwa [21]: Antropónimo – Era uma *ombala* com grandes dimensões, localizado na área do *mukwa*. Sofreu um aportuguesamento (*embala*). Na língua *Olunyaneka*, diz-se *ombala*, residência, casa, habitação, região do *mwene mbala*, chefe máximo da autoridade tradicional.

Tabela nº 25: Ficha Lexicográfica do topónimo Ombangu

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Ombangu	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovokombangu	

Ombangu [22]: Sem denominação – É uma área, onde havia muitos pássaros com o mesmo nome.

Tabela nº 26: Ficha Lexicográfica do topónimo Omukhondo

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Omukhondo	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovakhondo	

Omukhondo [23]: Sem denominação – Era uma área, onde havia muitas árvores com o nome de *ovikhondo* ou *omakhondo*. Estas árvores têm muitos espinhos e normalmente não atingem grandes proporções como acontece, por exemplo, com outros tipos de árvores.

Tabela nº 27: Ficha Lexicográfica do topónimo Omukuyo

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Omukuyo	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovamukuyo	

Omukuyo [24]: Sem denominação – Havia uma árvore grande com o mesmo nome. Esta árvore produzia frutos sobretudo na época do verão ou tempo seco conforme se diz em Angola. Tyipia foi o fundador deste Sector.

Tabela nº 28: Ficha Lexicográfica do topónimo Omulala

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Omulala	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovamulala	

Omulala [25]: Antropónimo – Também conhecido por *mwene mulala* foi o primeiro a se instalar neste povoado e, depois de morrer, o nome passou a designar a povoação toda.

Tabela nº 29: Ficha Lexicográfica do topónimo Omulyandjamba

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Omulyandjamba	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovamulyandjamba	

Omulyandjamba [26]: Antropónimo – A primeira pessoa que viveu nesta localidade chamava-se *mulyandjamba* e por ser uma pessoa muito notável o local também passou a chamar-se *omulyandjamba*.

Tabela nº 30: Ficha Lexicográfica do topónimo Omutikula

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Omutikula	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovamutikula	

Omutikula [27]: Sem denominação – Topónimo motivado pelo facto de ser um local, onde se abatiam os animais; era uma espécie de talho.

Tabela nº 31: Ficha Lexicográfica do topónimo Omutunda

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Omutunda	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovamutunda	

Omutunda [28]: Sem denominação – Era uma povoação com muitas árvores desta espécie (*ovitunda*); estas árvores possuem tubérculos e no tempo de fome serviam para alimentar as pessoas.

Tabela nº 32: Ficha Lexicográfica do topónimo Ondimba yongonga

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Zootopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Ondimba yongonga	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovokondimba yongonga	

Ondimba yongonga [29]: Zootopónimo – Este topónimo significa coelho da águia; havia muitos coelhos no local e a águia alimentava-se e deixava os restos. Foi uma fazenda do chefe do Posto Administrativo do Hoque, na época colonial, hoje Comuna do Hoque.

Tabela nº 33: Ficha Lexicográfica do topónimo Onongunga

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Zootopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Onongunga	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovokonongunga	

Onongunga [30]: Zootopónimo – Lugar onde habitava uma determinada espécie de animais (*ononguga*) zebra.

Tabela nº 34: Ficha Lexicográfica do topónimo Omakelo

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Litotopónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Omakelo	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovokomakelo	

Omakelo [31]: Litotopónimo – Local húmido, cuja terra é salgada, mas que normalmente os bois e os cabritos comem. Por não ser muito comum, deram o nome de *makelo* que provém do verbo “*okukela*” lamber. Para além de servir de sal para os bois, também se usa o *khelo* para untar a cabeça das jovens na festa de *fiko*, ritual tradicional que marca a fase da transição da puberdade para a fase adulta.

Tabela n° 35: Ficha Lexicográfica do topónimo Onthuvili

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Onthuvili	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovanthuvili/ ovokonthuvili	

Onthuvili [32]: Sem denominação – Era uma área de muitos arbustos que eram usados na cozinha em substituição do sal por carência deste produto. Era uma área considerada importante por fornecer estas folhas que serviam para dar sabor à comida da população.

Tabela n° 36: Ficha Lexicográfica do topónimo Outa

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Outa	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

Outa [33]: Sem denominação – era uma localidade habitada inicialmente pelos animais e as pessoas iam para esta zona caçar; com o andar do tempo, os animais fugiram da região e as pessoas, inicialmente caçadores, foram ocupando a área. Como estes usavam armas para caçar então atribuíram o nome de *outa* (arma em *Olunyaneka*) a esta zona.

Tabela nº 37: Ficha Lexicográfica do topónimo Ovivandje

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia:
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Ovivandje	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovavivandje	

Ovivandje [34]: Sem denominação – Área de muitas árvores (*pocilongo covivandje*) que dão frutos que os animais (*ombambi ou onombambi*) comem. Os caçadores esperavam pelos animais no cimo de uma árvore com uma arma, à noite.

Tabela nº 38: Ficha Lexicográfica do topónimo Rainha Nzinga Mbandi

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Rainha Nzinga Mbandi	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

Rainha Nzinga Mbandi [35]: Antropónimo – A história reza que foi rainha do reino do *Ndongo* e da *Matamba*, nos séculos XVI- XVII. Segundo Serrano (1995/96:136), *Nzinga Mbandi Ngola* é tida “*como a heroína angolana das primeiras resistências pelos modernos movimentos nacionalistas de Angola e tem despertado um crescente interesse dos historiadores e antropólogos para a compreensão daquele momento histórico que caracterizou a destreza política e de armas desta rainha africana na resistência à ocupação dos portugueses do território angolano e consequente tráfico*”

de escravos”. O nome é de origem *Kimbundu* e conta-se que o seu título real na língua *Kimbundu* Ngola foi utilizado pelos portugueses, na época colonial, para designar a região de jurisdição do reino, tendo posteriormente, tendo este nome sido atribuído ao território que hoje é Angola. É um topónimo de origem *Kimbundu*.

Tabela nº 39: Ficha Lexicográfica do topónimo Simion Mucune

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua:	
Topónimo: Simion Mucune	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico:	

Simion Mucune [36]: Antropónimo – Foi general das Forças Armadas Angolanas, que combateu durante a guerra civil que assolou o país e morreu em combate, na província do Bié, em 1999. O seu nome aparece na lista dos heróis do país e como reconhecimento dos seus feitos, o nome encontra-se em escolas e bairros um pouco por todo o país.

Tabela nº 40: Ficha Lexicográfica do topónimo Etete

Província: Huíla	
Município: Lubango	Taxonomia: Antropónimo
Comuna: Hoque	
Língua: <i>Olunyaneka</i>	
Topónimo: Etete	
Variante Gráfica:	
Proposta de Grafia:	
Adjectivo gentílico: ovoketete	

Etete [37]: Antropónimo – Nasceu na Comuna do Hoque, faz divisão com a área de Outa a Norte e a região do *Dindi*. O nome surge porque primeiro viveu alguém, naquela região, com o mesmo nome, Etete.

Verificamos que vários factores concorrem para a atribuição do nome a um determinado lugar, ou seja, todos os momentos que marcaram uma fase resultaram em nome ou de um lugar ou de uma pessoa. Temos o exemplo de *Hulya Hulya* alguém que nasceu numa fase de crise alimentar, deu origem ao topónimo *Omutunda*, isto é, uma área com muitas árvores, cujos tubérculos servem ou serviam de alimento na fase da fome.

Os diversos acontecimentos ou mesmo o nascimento de uma pessoa ditavam a atribuição do nome a um lugar.

Neste estudo não se fez o enquadramento de todos os topónimos na Taxonomia Toponímica proposta por Dick (1990) pelo facto de as explicações dos topónimos analisados não se enquadrarem neste modelo.

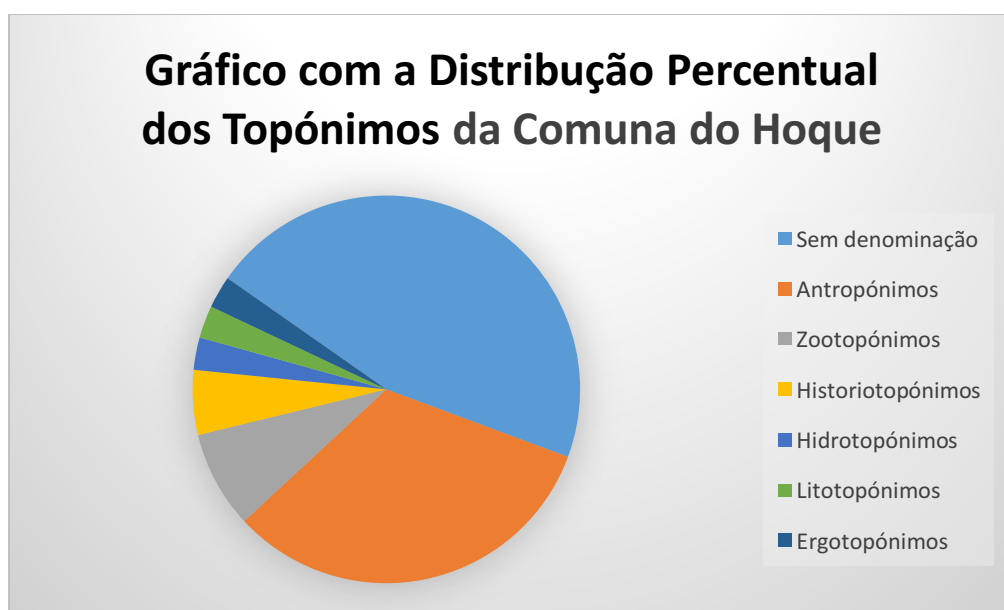


Gráfico 1: Distribuição Percentual dos Topónimos do Hoque

No gráfico acima, verificamos que os topónimos “Sem denominação” correspondem a 46% do total analisado. Estes topónimos, pelo facto de não se enquadrarem no modelo proposto por Dick, preferimos não os classificar, uma vez que suscitam algumas dúvidas. Apresentaremos, no entanto, proposta taxonómica para os

topónimos “Sem denominação” nas futuras investigações. Para a classificação de cada topónimo, tivemos em conta a história do topónimo em análise. Os antropónimos também são bastante representativos e a razão deve-se ao facto de as pessoas de destaque ou que deram um contributo em prol do desenvolvimento da aldeia, comuna, bairro e até mesmo do país quando morrem o seu nome é preservado como sinal de homenagem ou reconhecimento.

No entanto, os hidrotopónimos, os historiotopónimos, os litotopónimos, os zootopónimos e os ergotopónimos são menos representativos nesta pesquisa, o que nos leva a afirmar que os “Sem denominação” e os “antropónimos” têm maior representatividade.

Estes topónimos sem denominação dizem respeito a hábitos sociais e culturais específicos do povo *Nyaneka*.

3.5. Aspectos culturais dos Topónimos

A toponímia reflecte o “*modus vivendi*” de um povo e o que verificamos em cada um dos topónimos, sobretudo nos topónimos na língua *Olunyaneka*, é que representam, de forma particular, a cultura do povo *Nyaneka*, nomeadamente: a forma de ser, a forma de estar, a maneira de viver, o modo como este povo encara a realidade do seu dia-a-dia. Conforme salienta Sousa (2012:24),

“todas as sociedades, complexas ou não, urbanas ou rurais, possuem cultura. [...] A cultura tem um significado amplo: engloba os modos comuns de aprendizados da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos em sociedade, numa só palavra pelo processo de socialização”.

No entanto, a aprendizagem significa que cada povo deve estar aberto a outras culturas de outros povos, mas sem perder de vista aquilo que é essencial na sua própria cultura e ainda de acordo com Sousa (2012: 33),

“os povos de Angola independentemente dos contactos com outros povos, uns motivados por guerras de agregação de terras, outros forçados pela colonização, e ainda outros, consequências da modernidade (facilidades de comunicação), é notável o modelo cultural de cada povo que resiste, no sentido positivo do termo, às várias insinuações para a mudança predatória”.

Precisamos de destacar que para que se conserve a cultura é necessário que não se perca de vista a identidade cultural ao longo do tempo, já que a cultura, segundo Muaca (2001:14),

“não é uma veste que se muda segundo a vontade ou caprichos próprios. A cultura participa de existência de cada homem e acompanha a pessoa humana para onde quer que vá. Luta pela sobrevivência, quando ameaçada, e não é insensível aos ventos da mudança”.

O aspecto linguístico e cultural dos topónimos é fundamental, uma vez que a partir deste estudo podemos identificar a identidade de um povo.

3.6. Proposta de Investigação

Durante a realização deste trabalho, constatamos que muitos topónimos estudados não se enquadravam na taxonomia proposta por Dick (1990) pelo facto de a realidade brasileira não ser exactamente a mesma que a realidade de Angola. Este modelo contempla aspectos gerais, mas há situações específicas que requerem um estudo de quem de facto está no terreno.

Nesta investigação constatamos que há necessidade de continuar a desenvolver este trabalho para trazer à luz novas propostas para os topónimos que não se enquadram no referido modelo. Para fazermos uma proposta rigorosa, precisamos de mais tempo de

observação no terreno e de efectuar um estudo focado nestes topónimos que não têm ainda uma classificação específica.

Deve-se ter em conta os aspectos culturais, linguísticos e históricos dos topónimos, reservando para as próximas investigações a proposta de novas taxonomias de topónimos sem denominação.

Os estudos toponímicos em Angola ainda não estão muito avançados em comparação com o Brasil e a França entre outros países. Reconhecemos o investimento que está a ser feito nesta área por parte do estado angolano, o solicitador deste estudo.

Outro aspecto que pretendemos propor é a introdução do estudo da Toponímia na escola, a fim de pôr os alunos a par desta área que ainda pode ser considerada nova em Angola. Deste modo, os alunos ficam a saber a história e a cultura em que estão inseridos. Segundo Sousa (2013:294),

“cada grupo social, que possui características culturais próprias, projecta, nos nomes escolhidos para a identificação dos lugares, aspectos da sua realidade cultural, social, histórica, físico-geográfica”.

Propomos que seja introduzido o ensino da Toponímia, no ensino básico através de projectos onde o especialista (toponimista) com os especialistas de outras áreas, como Geografia, História, Lexicologia e outras áreas que ensinem os estudantes a recolher (seleccionar), armazenar os topónimos recolhidos e proceder à classificação dos mesmos, enquadrando-os nas duas taxonomias de Dick.

E Sousa (2013: 298) sublinha que o ensino da Toponímia ajuda os alunos a familiarizarem-se com os termos básicos utilizados pelo pesquisador toponímico.

CONCLUSÃO

Neste trabalho analisamos os nomes dos bairros e aldeias da Comuna do Hoque e consideramos os aspectos que fazem da Toponímia uma disciplina de carácter interdisciplinar, como já nos referimos nos capítulos anteriores. O

No entanto, o acto de nomear esteve sempre ligado ao quotidiano do ser humano, isto porque o homem desde sempre atribui nomes aos acidentes geográficos para facilitar a sua orientação no espaço em que vive.

A Toponímia é uma disciplina interdisciplinar e de acordo com Sousa (2013: 304),

o carácter pluridisciplinar que esta ciência alcança e a importância que têm as pesquisas desta natureza: além de envolver múltiplos saberes para a obtenção dos seus objectivos, contribui para a preservação do património toponomástico e cultural de uma região, de um povo”(sic.).

O nosso estudo teve como objectivo analisar os 7 bairros ao redor da Comuna do Hoque e as 30 aldeias. Procurámos conhecer a sua história, a língua a que pertencem e o possível aportuguesamento que sofreram.

Alguns topónimos foram enquadrados na taxonomia proposta por Dick. Outros topónimos não se enquadram nas taxonomias existentes pelo facto de reflectirem a realidade social e cultural do povo *Nyaneka*.

Os estudos toponímicos são antigos, mas em muitos países começaram recentemente.

O *corpus* foi constituído por entrevistas e por alguns documentos oficiais das instituições do Estado.

BIBLIOGRAFIA

BARETTA, Rubens César (2012), *Estudo Toponímico dos Bairros e Distritos de Ferroupilhas*, Caxias do Sul.

CHIVINGA, António Ngula (2014), *Que Futuro para as Línguas Nacionais Angolanas? Ensaio sobre as Políticas de Protecção e Valorização das Línguas Nacionais Angolanas*, Luanda, Centr'Artes- Centro de Produção de Arte e Cultura.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE ANGOLA (2010), Luanda, Imprensa Nacional.

COSTA, António Fernandes (2006), *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola: Para uma Análise Diferencial*, Luanda, Universidade Católica de Angola.

CUNHA, Celso/ Lindley Cintra (2013), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 20ª Edição, Lisboa, Edições Sá da Costa.

DA COSTA, Teresa Camacha (2013), *Os Empréstimos das Línguas Bantu no Português Falado em Angola*, Luanda, Gráfico, Lda.

Decreto nº 339/70 (1970), de 16 de Julho.

DI TIZIO, Iberê Luis (2009), *Santo André. A Causa Toponímica na Denominação dos seus Bairros*, São Paulo, Universidade de São Paulo.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1987), "Toponímia e Cultura", In: *Rev. Inst. Bras.*

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1996), *A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo 1554 – 1897*, São Paulo, Annablume Editora.

FERNANDES, João & Zavoni Ntondo (2002), *Angola: Povos e Línguas*, Luanda, Editorial Nzila.

FERREIRA, Carlos (2013), *Sendi- Tierra de Miranda: Geografia e Toponímia*, Lisboa, Âncora editora.

Grupo Técnico da Comissão Multisectorial para Harmonização da Ortografia da Toponímia da Divisão Político-Administrativa (2003/-04).

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>

Instituto de Línguas Nacionais (1987), *Boletim Nº1*, Alfabeto das Línguas *Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Mbunda, Oxikwanyama, Olunyaneka*, Luanda, Secretaria de Estado da Cultura.

Lei Nº 168 (1970) de Alteração da Divisão Político-Administrativa das Províncias de Luanda e Bengo.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca. (s/d) “Importância de uma Lexicologia Contrastiva”, *Letras Soltas* 1, Universidade Nova de Lisboa, pp.11- 15.

Manual da 2ª Classe em Olunyaneka: Ondongeso Ompe Mokutanga (2008), Angola, Longman.

MINGAS, Amélia A. (2000), *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Luanda, Caxinde Editora e Livraria.

MUACA, Eduardo André (2001), *Breve História da Evangelização de Angola*, 2ª Edição, Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST), Comissão Episcopal da Cultura.

NETO, Muamba Garcia (2012), *Aproximação Linguística e Experiência Comunicacional: O Caso da Escola de Formação Garcia Neto*, Luanda, Mayamba Editora.

NTONDO, Zavoni (s/d). *A Contribuição Para uma Normalização Ortográfica da Toponímia*.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo, et al (2013), *Gramática do Português*, Lisboa, Gulbenkian.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa (2004), *A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: A Toponímia da Região do Carmo*, Belo Horizonte.

SERRANO, Carlos M. H. (1995/96), *Ginga, A Rainha Quilombola de Matamba e Angola*, In: *Revista USP* (28), 136-141.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas (2011), *Estudo Toponímico: Âmbitos e Perspectivas de Análise*, In: *ReVEL*, v. 9, n. 17, 191- 208.

SOUSA, Alexandre Melo. *Toponímia e Ensino: Propostas para a Aplicação no Nível Básico*.

SOUSA, Fonseca (2012), *Etnografia de Angola: Entre a Pesquisa e o Desenvolvimento de Políticas Culturais*, Luanda.

TAVARES, Marilze (2009), *Língua e Cultura: Considerações Sobre a Motivação de Nomes Geográficos Indígenas*, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil.

TYIPA, Abraão (2002), *OTYIWA OKUTANGA N`OKUHONEKA: Método de Aprendizagem da Língua Nacional Nyaneka – Humbi e Português- Angola*, Lubango, Comissão Arquidiocesana da Cultura.

ZAMARIANO, Maria (2006), *Toponímia Paranaense do Período Histórico de 1648 a 1853*, Universidade Estadual de Londrina.

Lista de Figuras

Figura nº 1: Algumas Ciências Auxiliares da Toponímia	10
Figura nº 2: Fonte: <i>In</i> : Instituto Nacional de Estatística (INE).	24

Lista de Tabelas

Tabela nº 1: Grupos Etnolinguísticos <i>Bantu</i> de Angola e suas Respectivas Línguas.	23
Tabela nº 2: Alfabeto da Língua <i>Olunyaneka</i>	25
Tabela nº 3: Modelo da Ficha Lexicográfico-toponímica	32
Tabela nº 4: Ficha Lexicográfica do topónimo Hoque	33
Tabela nº 5: Ficha Lexicográfica do topónimo Dr. António Agostinho Neto	34
Tabela nº 6: Ficha Lexicográfica do topónimo 4 de Abril.....	34
Tabela nº 7: Ficha Lexicográfica do topónimo Cém-Cém	35
Tabela nº 8: Ficha Lexicográfica do topónimo Cenge	36

Tabela nº 9: Ficha Lexicográfica do topónimo Cerâmica	36
Tabela nº 10: Ficha Lexicográfica do topónimo Cikala	37
Tabela nº 11: Ficha Lexicográfica do topónimo Cikanda	37
Tabela nº 12: Ficha Lexicográfica do topónimo Cipalakasa	38
Tabela nº 13: Ficha Lexicográfica do topónimo Toco	38
Tabela nº 14: Ficha Lexicográfica do topónimo Hima.....	39
Tabela nº 15: Ficha Lexicográfica do topónimo Hoji ya Henda	39
Tabela nº 16: Ficha Lexicográfica do topónimo Kambalombo	40
Tabela nº 17: Ficha Lexicográfica do topónimo Kamwenha.....	40
Tabela nº 18: Ficha Lexicográfica do topónimo 1º de Maio	41
Tabela nº 19: Ficha Lexicográfica do topónimo Massango.....	41
Tabela nº 20: Ficha Lexicográfica do topónimo Ohanga	42
Tabela nº 21: Ficha Lexicográfica do topónimo Okakwa	42
Tabela nº 22: Ficha Lexicográfica do topónimo Okapeke.....	43
Tabela nº 23: Ficha Lexicográfica do topónimo ombala.....	44
Tabela nº 24: Ficha Lexicográfica do topónimo Ombala yomukwa	44
Tabela nº 25: Ficha Lexicográfica do topónimo Ombangu	45
Tabela nº 26: Ficha Lexicográfica do topónimo Omukhondo.....	45
Tabela nº 27: Ficha Lexicográfica do topónimo Omukuyo.....	46
Tabela nº 28: Ficha Lexicográfica do topónimo Omulala.....	46
Tabela nº 29: Ficha Lexicográfica do topónimo Omulyandjamba	47
Tabela nº 30: Ficha Lexicográfica do topónimo Omutikula.....	47
Tabela nº 31: Ficha Lexicográfica do topónimo Omutunda.....	48
Tabela nº 32: Ficha Lexicográfica do topónimo Ondimba yongonga	48
Tabela nº 33: Ficha Lexicográfica do topónimo Onongunga	49
Tabela nº 34: Ficha Lexicográfica do topónimo Omakelo	49
Tabela nº 35: Ficha Lexicográfica do topónimo Onthuvili	50

Tabela nº 36: Ficha Lexicográfica do topónimo Outa.....	50
Tabela nº 37: Ficha Lexicográfica do topónimo Ovivandje.....	51
Tabela nº 38: Ficha Lexicográfica do topónimo Rainha Nzinga Mbandi.....	51
Tabela nº 39: Ficha Lexicográfica do topónimo Simion Mucune.....	52
Tabela nº 40: Ficha Lexicográfica do topónimo Etete.....	52

Lista de Gráfico

Gráfico 1: Distribuição Percentual dos Topónimos do Hoque.....	53
--	----